



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica.

HOLOCAUSTO CIGANO: O GENOCÍDIO QUE O MUNDO ESQUECEU.

GYPSY HOLOCAUST: THE GENOCIDE THE WORLD FORGOT.

Heleonora Flores Fontana, Doglas Cesar Lucas³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido por meio de bolsa Pibic Unijuí.

² Bolsista de iniciação científica Pibic/Unijui, acadêmica do 6º semestre do curso de Direito da Unijuí. (heleonora.fontana@sou.unijui.edu.br)

³ Professor orientador. Doutor Unisinos e Pós-doutor pela Università degli Studi Roma Tre. Professor da graduação, mestrado e doutorado em direito da Unijui. (doglasl@unijui.edu.br)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o holocausto cigano, acontecido concomitantemente ao holocausto judeu no período nazista. O auge da homogeneização consistia na eliminação das “raças inferiores” e “opositores políticos” de acordo com os padrões produzidos pelos próprios alemães sob a justificativa de purificação pelo mito ariano. Nesse sentido, milhares de famílias ciganas foram deportadas para campos de concentração como o reduto de Auschwitz-Birkenau, outras assassinadas antes mesmo de serem enviados para esses locais, rotulados como criminosos genéticos e submetidos à experimentos pseudocientíficos além de outras violações desumanas. Após tal cenário de horror, com o fim da guerra, esses povos continuaram sendo perseguidos uma vez que não foram reconhecidos como vítimas desse período e por representarem um estilo de vida incompreendido, portanto desconhecido, que prolifera a imagem negativa da etnia.

Palavras-chave: Ciganos. Nazismo. Holocausto.

INTRODUÇÃO

A origem da etnia cigana foi descoberta recentemente através de comparações linguísticas e testes genéticos que apontaram para o norte da Índia. A pesquisa identificou como o início dessa configuração o deslocamento de um grupo hindu do norte da Índia para a Europa e posteriormente para os outros continentes (ZIEGLER, 2012). Nesse sentido, o modo de vida nômade possibilitou a formação de subgrupos (COMAS et ali, 2012) descendentes das famílias originárias que, academicamente, destacam-se três: os Rons, os Sinti e os Calon. Essas três ramificações familiares se distinguem de forma social, econômica e cultural, discrepâncias essas advindas do contato com povos colonizadores nos quais vivem ou permearam. O exônimo para tal grupo se denomina “Romani” ou “Roma”, que carrega a tradução, no singular, a palavra “homem”. Essa foi



aceita e também apropriada para indicar a língua usada por algumas dessas famílias que é repassada oralmente como parte da tradição.

Os ciganos sempre foram perseguidos e a sua não identificação com o modelo de Estado-nação lhe impediu o acesso a um lugar de pertença propriamente seu. Antes mesmo do período Nazista, na Alemanha, os ciganos adultos eram perseguidos e mortos, as mulheres e crianças eram identificadas como perigo com o corte de uma das orelhas. No século XIX, ainda na Alemanha, foi criada a Central para o combate da Moléstia Cigana, com intuito de controlar esse povo considerado “altamente perigoso”, proibindo-se também o casamento de pessoas não-ciganas com ciganos (GUIMARAIS, 2015), além de que não podiam exercer muitas profissões e eram obrigados a viver afastados dos outros civis em campos de internamento. Posteriormente o regime nazista promoveu o holocausto cigano, também referenciado como “*Bora Porrajmos*” traduzido como “a devoração” ou ainda “a grande consumação”, tal termo na linguagem alemã tem um sentido muito profundo e cruel que em outros contextos também pode representar o ato de estupro, por esse motivo é evitada pelos falantes da língua Romani (SAMBATI, 2018). Esse episódio de terror que dizimou a vida de mais de 500 mil ciganos, juntamente com os seis milhões de judeus, foi omitido por muito tempo após a guerra.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi qualitativa exploratória, se utilizando de fonte secundária para a produção do conteúdo exposto como artigos, dissertações, livros e materiais disponíveis como entrevistas, áudios e memoriais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideologia da higienização racial nazista colocou um alvo nas comunidades ciganas pois representavam grande ameaça com seu “sangue estrangeiro” para a imposição da raça ariana (GUIMARAIS, 2015). Sendo assim, mais de 23mil famílias Roma foram deportadas para uma repartição especial de Auschwitz-Birkenau chamado de “complexo cigano” com apoio de pessoas não aliadas ao movimento nazista, mas que compartilhavam do medo sobre a etnia. A discriminação era tanta com o povo cigano nesse período que inclusive os soldados Roma das forças armadas alemãs foram apreendidos e deportados para esses campos quando estavam de licença. Grande parte



dos Roma deportados morreram logo de chegada pelas péssimas condições e disseminação de doenças infecciosas provenientes do ambiente como a varíola, tifo e disenteria, que acabou se espalhando por todo campo de concentração reduzindo sua população total (SAMBATI, 2018).

O ódio também se estendeu sobre as mulheres durante o período de aprisionamento nos campos pelas lesões na integridade física e emocional. Na chegada eram obrigadas a se despir na frente de familiares, oficiais e demais prisioneiros para que fossem inspecionadas e direcionadas aos blocos de trabalho ou direto para o extermínio, se qualificadas como inúteis aos trabalhos. O cotidiano de tortura psicológica, condições deploráveis de higiene, como o uso de latrinas coletivas sendo observadas, acompanhado dos trabalhos exaustivos levou muitas mulheres a desestabilização hormonal que causou a perda da capacidade de menstruar.

Os “especialistas em raça” chegaram à conclusão de que os ciganos de “sangue puro” eram inofensivos e que os “mestiços” eram os representantes do perigo. Assim cruzaram mulheres ciganas com os soldados arianos, uma vez que estavam vulneráveis a estupros nos campos. A gravidez indesejada era objeto de pesquisa nos laboratórios na tentativa de gerar crianças com genes arianos suficientes, porém a maioria falecia na tentativa de aborto. Milhões de ciganas foram perseguidas e assassinadas nesse período, mas nos registros foram enquadradas como alvos por sua postura religiosa ou política e não por seu sexo.

Com o fim da II Guerra o governo alemão teve que indenizar os familiares e atingidos com o regime Nazista. Após as experiências médicas, tratamentos desumanos e outros absurdos ocorridos na época, milhares de judeus foram indenizados, entretanto grande parte dos ciganos teve seu pedido indenizatório negado por falta de testemunho e outras provas necessárias (MARGALIT,2002). Parte das negações se deram sob a alegação de que os ciganos não foram para os campos por causa da “Higiene Racial” proposta por Hitler, mas sim porque estavam ligados a crimes comuns, bruxaria e por serem associativos. Mais tarde, na década de 80, quando foi reconhecida a dizimação dos povos ciganos, os que teriam se tornado aptos para receberem os pagamentos



indenizatórios, em sua maioria mulheres ciganas viúvas, já haviam falecido. Nas palavras de Douglas Neander Sambati

Para além das implicações para as comunidades ciganas, é importante destacar os modelos políticos capazes de lidar com os conflitos nacionais e étnicos persistentes dentro da estrutura dos Estados democráticos, que desafiam o modelo de Estado multinacional disposto a oferecer direitos coletivos e formas de representação para os seus grupos nacionais e étnicos, já que muitos dos conflitos armados e sangrentos são entre grupos étnicos e nacionais que buscam alguma forma de independência ou autonomia e aqueles que pretendem impedi-los de atingir esses objetivos. (SAMBATI, 2018)

O que se apresenta de forma clara é que os ciganos não são nem mencionados quando se trata do Holocausto, muito menos as mulheres ciganas. Nesse sentido, as milhares de vidas tiradas pertencentes à etnia foram varridas para debaixo do tapete como se não tivessem grande importância ou ainda pior, como se nunca tivesse ocorrido tal episódio de horror. No pós-guerra, os ciganos que sobreviveram continuaram desamparados, odiados e as práticas anticiganas se consolidaram nos círculos policiais (GUIMARAIS, 2015). A situação somente se neutralizou na década de 80 quando as famílias ciganas foram aceitas oficialmente como vítimas do nazismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da ideia do que é ser cigano, inclusive a conotação negativa da própria palavra “cigano”, foi feita ao longo de séculos por não-ciganos. A depreciação dessa etnia é um dos motivos para o abafamento de parte de sua história, durante o holocausto, inclusive pelos próprios Roma como forma de não perpetuar a ideia de que possam representar alguma forma de perigo ou ainda, por outro lado, para que os não-ciganos os vejam como famílias de sobreviventes, no sentido pejorativo, por terem passado por esse episódio de horror. O preconceito para com os referidos ciganos pode ser encarado, atualmente, como a mesma violência “Ariana” em outras roupagens, já que ainda são perseguidos, não recebem acolhimento na sociedade e têm seus direitos básicos negados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



COMAS, David et aliae. Reconstructing the Population History of European Romani from Genomewide Data. *Current Biology*, v. 22, issue 24, 2013. pp. 2342-2349. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23219723/> Acesso em: 19 maio de 2020.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva, O extermínio de ciganos durante o regime nazista. *História e Perspectivas*, Uberlândia, jan./jun. 2015

MENDA, Leniza Kautz. Um olhar sensível sobre o Holocausto. Arquivo Maaravi: *Revista Digital de Estudos Judaicos* da UFMG, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/972/1083>

MARGALIT, Gilad. *Germany and its Gypsies: a Post-Auschwitz Ordeal*. Wisconsin Press, 2002.

SAMBATI, Douglas Neander. O Holocausto cigano durante a Segunda Guerra Mundial (artigo). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/holocausto-cigano/>. Publicado em: 19 mar. 2018. Acesso: 14 de julho, 2021.

SILVA, Mariana da. *Jurisprudência dos crimes nazistas contra princípios dos direitos humanos*. Encontro de Iniciação científica “Antônio Eufrásio de Toledo”. v. 6, n. 6, 2010.

United States Holocaust Memorial Museum. “Women during the holocaust”. In: *Holocaust Encyclopedia*. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/women-during-the-holocaust>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

United States Holocaust Memorial Museum. “Genocide of European Roma (Gypsies)”. In: *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved September 27, 2012. The USHMM places the scholarly estimates at 220,000–500,000. According to Berenbaum 2005, p. 126, “serious scholars estimate that between 90,000 and 220,000 were killed under German rule”; e Hancock, 2004, pp. 383–96

ZIEGLER, Maria Fernanda. Estudo genético confirma que ciganos são originários do noroeste da Índia. *Último Segundo* [São Paulo] 06 dez. 2012. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2012-12-06/estudo-genetico-confirma-que-ciganos-sao-originarios-do-noroeste-da-india.html> Acesso em: 14 de julho. 2020.